



**MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA
E CENTRO DE ARQUITETURA
LISBOA**

Entre 27 de novembro de 2025 e 5 de abril de 2026

o MAC/CCB apresenta a exposição

LUGAR DE ESTAR: O LEGADO BURLE MARX

**em diálogo com Fernanda Fragateiro, Filipe Feijão, João dos Santos Martins,
Juan Araujo, Lourdes Castro e Mónica de Miranda**

Paisagista, ativista ambiental, artista plástico e expoente do modernismo brasileiro, Roberto Burle Marx (1909–1994) é representado através da seleção de projetos paisagísticos na nova exposição do MAC/CCB. Figura de referência no desenvolvimento do panorama urbano brasileiro e um dos mais inovadores paisagistas do século XX, deixou um legado coletivo que nos ajuda a refletir sobre o direito à cidade, a sociabilidade nos espaços públicos, o papel dos jardins na construção urbana, o património das espécies botânicas e o ativismo ecológico. Precursor das questões de sustentabilidade, alertou para a importância da preservação ambiental, encorajou o conhecimento da flora brasileira e defendeu a Mata Atlântica, a Amazônia e o Cerrado.

Associado ao imaginário moderno de grandes cidades como Brasília e Rio de Janeiro, Burle Marx, juntamente com os seus colaboradores, concebeu mais de dois mil projetos paisagísticos entre as décadas de 1930 e 1990. De entre os quais se destacam a sede da UNESCO, em Paris, França, ou o Parque del Este, em Caracas, Venezuela; e, no Brasil, os jardins do Palácio Itamaraty, em Brasília, o Parque do Flamengo e a Orla de Copacabana, no Rio de Janeiro. Do paisagista brasileiro é o icónico «calçadão» de Copacabana, que altera o desenho original das ondas em pedra portuguesa, inspirado no de Pinheiro Furtado (1777–1861) em Lisboa. A intervenção feita por Burle Marx e pela sua equipa, na década de 1970, celebra a filiação a uma origem vernacular portuguesa, mas também revela a ousadia em ultrapassá-la.

O seu legado perdura, estabelecendo afinidades com a arte e a arquitetura contemporâneas. Nesta exposição, encontra pontos de diálogo com artistas estabelecidos em Portugal: com a madeirense Lourdes Castro, através de «Um património botânico» e do «Ativismo ambiental»; com *Jardim das Ondas*, de Fernanda Fragateiro, em «Construindo cidades e espaços públicos»; Filipe Feijão

traz-nos uma extensão simultaneamente íntima e pública do atelier, enquanto Mónica de Miranda nos leva a visitar os jardins <<invisíveis>> dos arredores da Grande Lisboa; <<O projeto moderno>> ressoa com a narrativa historiográfica das pinturas de Juan Araujo; e João dos Santos Martins apresenta uma performance especialmente criada para a exposição: *Alarve*.

A partir das cerca de 150 mil obras do acervo Burle Marx, selecionaram-se 23 projetos do paisagista e da sua equipa — um grupo de gerações, origens e práticas distintas a pensar cidades. A reunião de uma centena de elementos, incluindo estudos, croquis, desenhos, fotografias e entrevistas em vídeo, faz sobressair uma amostra dos diferentes caminhos que a obra de Burle Marx possibilitou. «Do croqui ao projeto, até ao jardim executado, refletem um desejo de utopias de cidades mais verdes, mais plurais», explica Isabela Ono. O seu pai, Haruyoshi Ono (1943–2017), «foi parceiro criativo de Burle Marx por mais de 30 anos e sempre enfatizou a importância deste material para a disseminação do legado artístico, paisagístico e ambiental de Burle Marx e seus colaboradores para o Brasil e para o mundo.»

Lugar de estar: o legado Burle Marx foi originalmente desenvolvida numa colaboração entre o Instituto Burle Marx (responsável pela salvaguarda e difusão do acervo paisagístico de Burle Marx e dos seus colaboradores) e o MAM Rio — Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, onde foi apresentada pela primeira vez entre janeiro e maio de 2024, com curadoria de Isabela Ono (diretora-executiva do Instituto Burle Marx), Pablo Lafuente (diretor artístico do MAM Rio) e Beatriz Lemos (ex-curadora-chefe do MAM Rio).

Em Lisboa, a adaptação e curadoria dos artistas convidados está a cargo de Nuria Enguita (diretora artística) e Marta Mestre (curadora), do MAC/CCB; e o desenho expositivo tem a assinatura de Diogo Passarinho Studio + RAR.STUDIO.

Fernanda Fragateiro evoca o *Jardim das Ondas*, criado para a Expo'98 em coautoria com João Gomes da Silva. Realizado numa área extensa localizada entre o Oceanário de Lisboa e o Rio Tejo, foi concebido como uma espécie de «jardim-corpo».

Os trabalhos de Juan Araujo apresentados na exposição relacionam-se com a arquitetura moderna, especialmente do Brasil e da América Latina. Ao evocar técnicas de impressão mecânicas e formatos que fazem lembrar ilustrações em páginas de revista, o artista reinscreve as imagens numa circulação e memória que nunca é neutra.

A participação de Filipe Feijão encena «momentos» no espaço que evocam as ideias de ruína e de arquivo: um tronco inerte, um majestoso aloe (*agave americana*) suspenso e uma assemblagem.

Mónica de Miranda dá destaque aos jardins «invisíveis» dos arredores da grande Lisboa cultivados maioritariamente por imigrantes de origem africana provenientes das ex-colónias: Costa da Caparica, Seixal, Chelas, Talude e Loures.

De Lourdes Castro apresenta-se uma seleção de vinte desenhos e litografias, algumas com colagens, da série *Sombras à volta de um centro*, realizadas pela artista a partir de 1980.

Finalmente, João dos Santos Martins explora as relações entre dança, linguagem e transmissão em *Alarve*. Esta performance produzida especificamente para a exposição dialoga com a sua experiência pessoal de migração do meio rural para o urbano, e com a ideia de adaptação do corpo e do sujeito.

Até 5 de abril de 2026, o piso 0 do MAC/CCB transforma-se num lugar de contemplação, experimentação, encontro ou, muito simplesmente, um lugar para *estar*, enquanto refletimos sobre as questões que afetam os espaços que partilhamos e o futuro das cidades.

«Um jardim é o resultado de um arranjo de materiais naturais, obedecendo a leis estéticas e entrelaçado com a visão do artista, sua experiência passada, suas incertezas, aflições, suas tentativas, seus erros e seus sucessos.»

– **Roberto Burle Marx**

«O legado de Burle Marx é uma referência indispensável para pensar uma nova forma de fazer urbanismo. O MAC/CCB orgulha-se de apresentar as reflexões deste artista e paisagista, bem como dos seus colaboradores, o seu compromisso ético e estético com a cidadania e a valorização da vegetação nativa do Brasil.»

– **Nuria Enguita**

Diretora artística do MAC/CCB

FESTA DE INAUGURAÇÃO:

26 NOVEMBRO 18H00

CONVERSA COM CURADORES E ARTISTAS

Com Isabela Ono (Instituto Burle Marx), Pablo Lafuente (MAM Rio), Nuria Enguita e Marta Mestre (MAC/CCB) e artistas convidados

Auditório do Museu

Sujeito ao número de lugares disponíveis

26 NOVEMBRO 19H00

INAUGURAÇÃO

EVENTOS ASSOCIADOS À EXPOSIÇÃO:

24 JANEIRO 16H00

CONVERSA

COM FERNANDA FRAGATEIRO, FREDERICO DUARTE E JUAN ARAUJO

Uma constelação de artistas e práticas contemporâneas ressoa com os princípios do paisagista brasileiro, pondo em evidência a complexidade e a atualidade da sua obra. À luz da exposição no MAC/CCB, os artistas plásticos Fernanda Fragateiro e Juan Araujo juntam-se ao crítico e curador de design Frederico Duarte para falar sobre as relações entre arte, arquitetura, natureza e espaço público. Participação gratuita, mediante inscrição prévia. Sujeita ao número de lugares disponíveis.

21 MARÇO 11H00

PASSEIO

JARDINS: LUGARES DO OLHAR

Evocando um olhar contemplativo sobre as espécies botânicas e partilhando curiosidades sobre cada uma delas, Ivo Meco convida-nos a percorrer espaços verdes e jardins em redor do CCB. O professor de Botânica, Biologia e Geologia, e autor de *Jardins de Lisboa: Histórias de espaços, plantas e pessoas*, leva-nos num passeio-conversa, suscitando novos olhares sobre os jardins. Participação gratuita, mediante inscrição prévia.

27 MARÇO 18H00

28 MARÇO 18H00

PERFORMANCE

ALARVE DE JOÃO DOS SANTOS MARTINS

O corpo pode ser um campo de negociação entre a natureza e a construção. A partir desta premissa, João dos Santos Martins aborda a dança como prática de

desaprendizagem e reinvenção. O bailarino e coreógrafo encontra na sua experiência pessoal de migração do meio rural para o urbano, e da ideia de adaptação — do corpo e do sujeito —, um ponto de contacto com Roberto Burle Marx. Tal como o paisagista brasileiro entendia o jardim como uma «adequação do meio ecológico às exigências da civilização», também a migração revela um processo contínuo de ajuste de gestos.

Coprodução MAC/CCB com Associação Parasita, Festival Silvestre e Sismógrafo. Participação gratuita, mediante inscrição prévia. Sujeita ao número de lugares disponíveis.

INFORMAÇÃO ADICIONAL:

SOBRE ROBERTO BURLE MARX

Roberto Burle Marx, paisagista brasileiro nascido em 1909, desenvolveu parques e jardins que o tornaram mundialmente famoso. Não sendo arquiteto de formação, cursou na Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro. Criador multifacetado, foi ainda pintor, ceramista ecologista, músico e um dos maiores artistas do seu tempo.

Com um estilo vanguardista e moderno, marcado pela atemporalidade e pela perfeição, também desenvolveu tecidos, joias, figurinos, objetos, gravuras e cenários. Inquieto, visionário e único, tornou-se um dos grandes expoentes do modernismo no Brasil. Transportou o paisagismo para a lógica das artes plásticas, com uma perceção estética singular, através do uso da textura, cor, volume, sombras, transformando os espaços. Acreditava que um jardim era a organização estruturada de elementos naturais e transformou a paisagem numa forma de arte.

SOBRE O INSTITUTO BURLE MARX

Preservar e difundir o legado vivo do paisagista e artista Burle Marx e dos seus colaboradores: esta é a prioridade do Instituto Burle Marx, uma organização da sociedade civil criada em 2019 com a missão de promover cidades mais verdes, sustentáveis, inclusivas e acolhedoras, incentivar o bem-viver em ambientes públicos e privados, favorecer o encontro entre as pessoas e elementos naturais e propiciar o acesso ao paisagismo como fazer artístico a serviço da sociedade. O Instituto tem como inspiração um rico acervo que reúne mais de 150 mil obras — entre projetos urbanísticos, estudos, croquis, desenhos, fotografias, recortes de jornal, cartas e documentos — que foi cuidadosamente preservado ao longo de quase sete décadas de atuação de um dos maiores artistas brasileiros do século XX.

SOBRE O MAM RIO

Inaugurado em 1948, o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro é uma referência em arte moderna e contemporânea no Brasil e em outros países. Localizado no icónico edifício projetado por Affonso Eduardo Reidy, com jardins de Roberto Burle Marx, o museu promove exposições, cursos, mostras de cinema e diversas atividades culturais. Alberga um acervo de mais de 16 mil obras de arte, uma

Cinemateca que salvaguarda mais de 80 mil filmes e uma ampla biblioteca especializada em artes, arquitetura e design.

Para mais informações, contacte, por favor:

Manuela Costa

Comunicação e Imprensa MAC/CCB

manuela.costa@ccb.pt

+351 925 313 416